

Agricultura familiar em comunidades quilombolas do Brasil: uma revisão sistemática da literatura

*Family farming in quilombola communities in Brazil: a systematic
literature review*

Edinal Salustiano da Silva¹

Remerson Russel Martins²

Kyara Maria de Almeida Vieira³

Alan Martins de Oliveira⁴

Bruna Tavares de Morais⁵

Zenilda Rafaela Costa Nóbrega⁶

Eliana da Silva Filgueira⁷

92

¹ Mestrando em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Bacharel em Administração pela UFERSA. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7524292580636081>. E-mail: edinal.silva@alunos.ufersa.edu.br.

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6904855501043136>. E-mail: remerson@ufersa.edu.br.

³ Pós-Doutora em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3269028955383094>. E-mail: kyara.almeida@ufersa.edu.br.

⁴ Doutor em Agronomia Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2105147275400017>. E-mail: alanmartins@ufersa.edu.br.

⁵ Mestranda em Cognição, Tecnologias e Instituições pela UFERSA. Bacharel em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1322450168742292>. E-mail: bruna.morais@alunos.ufersa.edu.br.

⁶ Mestranda em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Bacharel em Psicologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (UNICATÓLICA). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0431957075765326>. E-mail: zenilda.nobrega@alunos.ufersa.edu.br.

⁷ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3173523662638863>. E-mail: elianafilgueira@uern.br.

RESUMO

As comunidades formadas por descendentes negros que foram escravizados e fugitivos no Brasil são chamadas de Quilombos ou quilombolas. Os escravizados africanos trazidos para o Brasil, entre os séculos XVI e XIX. Com o passar dos anos, essas comunidades ainda existem nas diversas regiões e estados. Via de regra, são agrupamentos sociais que possuem limitação de acesso aos serviços sociais básicos, a exemplo da educação, saúde, saneamento e segurança, mas que carregam o legado da cultura de seus antepassados. O objetivo desta revisão foi identificar e analisar estudos relacionados à agricultura familiar nas comunidades quilombolas do Brasil, com ênfase na importância dessas práticas tradicionais dentro das comunidades de quilombos. Os artigos foram pesquisados em três bancos de dados utilizando os seguintes descritores: CAPES: "Agricultura AND Quilombo(la)"; para a SciELO: "Agricultura familiar AND Quilombo(la)"; e para a Scopus: "Agricultura AND quilombo". Utilizando um período de referência nos últimos dez anos, abrangendo de 2012 a 2022. Foram selecionados sete estudos que atenderam aos requisitos definidos para inclusão. Todos os estudos indicaram que a agricultura familiar tradicional nas comunidades quilombolas brasileiros é predominantemente uma prática agroalimentar tradicional de subsistência e comercialização, na qual os conhecimentos são passados de uma geração para outra por meio das atividades agrícolas tradicionais.

Palavras-chave: Campesinato; Agricultura de subsistência; Comunidades tradicionais; Quilombola.

ABSTRACT

Communities formed by Black descendants of enslaved and fugitive individuals in Brazil are called Quilombos or Quilombolas. African people were brought to Brazil as enslaved individuals between the 16th and 19th centuries. Over the years, these communities have continued to exist across various regions and states. As a rule, they are social groups with limited access to basic social services such as education, healthcare, sanitation, and security, yet they preserve the cultural legacy of their ancestors. The objective of this review was to identify and analyze studies related to family farming in Quilombola communities in Brazil, emphasizing the importance of these traditional practices within Quilombo communities. Articles were searched in three databases using the following descriptors: in CAPES: "Agricultura AND Quilombo(la)"; in SciELO: "Agricultura familiar AND Quilombo(la)"; and in Scopus: "Agricultura AND Quilombo". The review covered a reference period of the last ten years, from 2012 to 2022. Seven studies that met the defined inclusion criteria were selected. All studies indicated that traditional family farming in Brazilian Quilombola communities is predominantly a traditional agro-food practice for both subsistence and commercialization, where knowledge is passed down from generation to generation through traditional agricultural activities.

Keywords: Peasantry; Subsistence farming; Traditional communities; Quilombola.

Data de submissão: 14.08.2024.

Data de aprovação: 21.02.2025.

Data de publicação: 05.06.2025.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No contexto rural do Brasil, surge um cenário renovado que revela uma ampla descendência de pessoas que residem nas áreas rurais. Nesse espaço rural, os camponeses têm desenvolvido suas próprias identidades, demonstrando a existência de uma multiplicidade de representações identitárias que compõem a paisagem rural brasileira (Wanderley, 2000).

Nesse contexto, os povos do campo não se limitam a uma única identidade cultural, cor ou vocabulário, revelando identidades muito mais diversificadas e complexas. Essa constatação tem levado à revisão de antigas abordagens na análise dos camponeses e de suas variadas atividades agrícolas (Fidelis; Bergamasco, 2013).

As comunidades tradicionais reiteram sua ligação com a vida no campo, através da estruturação de processos políticos e da coordenação de atividades que se fundamentam em sua herança étnica. Dentre os povos tradicionais atualmente organizados no Brasil, é possível mencionar grupos como os “Faxinalenses, Quilombolas, Ciganos, Pescadores que praticam a pesca tradicional e artesanal, Ribeirinhos, Caiçaras, Quebradeiras de coco, Cipozeiros, Seringueiros, Geraizeiros” (Fidelis; Bergamasco, 2013, p. 114), e diversas outras comunidades que estão cada vez mais estruturadas.

Especificamente acerca dos quilombos remanescentes, estes são espaços habitados por grupos étnico-raciais com uma história compartilhada e fortes laços de identidade cultural, predominantemente ligados à ancestralidade africana (Santos; Keitel; Rocha, 2022). Apesar de reconhecermos a presença de quilombos em áreas urbanas, a maioria das comunidades oficialmente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares reside e preserva suas tradições no espaço rural (Brasil, [s.d.]; Fidelis; Bergamasco, 2015).

Os resultados do Censo Demográfico de 2022 destacam que a população quilombola no Brasil alcança 1.327.802 indivíduos, distribuídos em 1.696 municípios, ocupando 473.970 domicílios permanentes (IBGE, 2022). Apesar dessas comunidades

existirem e perpetuarem suas tradições por gerações, somente em 1988, com a promulgação da Constituição, a legislação que regulamentava a situação dos territórios quilombolas foi finalmente revogada (CONAQ, 2021).

No entanto, apesar dos avanços significativos no campo jurídico desde 1988, é preocupante observar que, dos 3.583 territórios quilombolas registrados na Fundação Palmares, apenas 494 deles conseguiram efetivamente a titulação de suas terras até o momento (IBGE, 2022). Essa disparidade entre o número de comunidades registradas e as que receberam a titulação destaca desafios persistentes no reconhecimento e na garantia efetiva dos direitos territoriais dessas populações, refletindo a complexidade e as lacunas no processo de regularização fundiária quilombola no Brasil.

Pelo exposto, estima-se que no Brasil existam cerca de aproximadamente 3.583 quilombos, abrangendo 24 estados do país. Além dessa significativa presença quilombola, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao ano de 2022, apontam que há ainda dez comunidades aguardando visita técnica, 75 aguardando a conclusão de complementações documentais em seus processos, 35 em fase de análise e oito comunidades no aguardo da publicação de seus registros (IBGE, 2022).

Concomitantemente, os quilombos travam uma longa batalha em busca da garantia de seus direitos. A esse respeito, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ, 2021) explica que a promulgação da Lei de 1850, que estipulava a aquisição de terras apenas por meio da compra, representou um entrave significativo ao acesso da população negra a terras, um obstáculo que retardou as conquistas e que ainda continua a gerar profundas desigualdades sociais e raciais que persistem até os dias atuais.

Cabe ressaltar que as comunidades quilombolas incorporam em seus modos de vida e subsistência práticas que são consideradas tradicionais (Arruda *et al.*, 2018). Nesse contexto, o termo "tradição" não se refere necessariamente a algo antiquado, obsoleto

ou contraposto ao progresso capitalista. A tradição quilombola envolve o reconhecimento e a valorização da riqueza da diversidade sociocultural desses grupos, que está relacionada ao seu controle territorial e às habilidades adquiridas ancestralmente, no uso responsável e na preservação dos recursos naturais (Fidelis; Bergamasco, 2015).

Silva *et al.* (2019, p. 5) tratam deste aspecto, “onde as matérias-primas para elaboração dos alimentos são oriundas do local em que vivem, colocando em prática a valorização e fortalecimento da identidade do seu lugar”. Santos (2022, p. 4) complementa essa ideia ao dizer que “numa comunidade tradicional, o trabalho com a terra é sempre baseado na mão de obra familiar, apoiando-se na necessidade de garantir o fornecimento dos itens essenciais para o consumo, utilizando-se de técnicas agrícolas e respeito ao meio ambiente”.

Sob essa perspectiva, destaca-se a relevância do território como um elemento fundamental para a utilização sustentável dos recursos naturais, proporcionando meios de subsistência e promovendo a valorização da cultura da comunidade que o habita.

Vale salientar que a presença da agricultura nessas comunidades não necessariamente a configura como a principal fonte de renda. No entanto, ela desempenha um papel fundamental, seja como atividade principal ou como uma atividade secundária, interligada por meio das comunidades que ainda preservam sua cultura quilombola (Fidelis; Bergamasco, 2013).

De acordo com a CONAQ, é importante reconhecer que o sistema de produção adotado pela agricultura familiar quilombola desempenha um papel fundamental na preservação e promoção do seu modo de vida único e sustentável. A intrincada relação entre práticas agrícolas tradicionais, a valorização da biodiversidade local e a transmissão intergeracional de conhecimentos agrícolas são elementos vitais que contribuem para a resiliência e a continuidade cultural dessas comunidades.

Compreender e valorizar as especificidades do modo de produção quilombola não apenas fortalece a autonomia econômica dessas famílias, mas também preserva um legado histórico e cultural que é parte integrante da diversidade do patrimônio brasileiro: “o modo de produção da agricultura familiar quilombola está intimamente relacionado com a identidade cultural e territorial, que envolve, também, a tecnologia, modo de produção e práticas próprias específicas compartilhadas coletivamente nestes territórios” (CONAQ, 2021).

Diante do que foi referenciado sobre os elementos que permeiam a agricultura familiar nas comunidades quilombolas do Brasil, surge o seguinte questionamento para esta pesquisa: Qual a importância da agricultura familiar nas comunidades quilombolas e como práticas em torno desta têm sido abordadas em pesquisas relacionadas a esse contexto?

Dessa forma, estabeleceu-se como objetivo identificar e analisar estudos relacionados à agricultura familiar nas comunidades quilombolas do Brasil, com ênfase na importância de práticas tradicionais dentro das comunidades quilombolas.

97

2 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão sistemática conforme definido por Cooper (1982; 2010).

A pesquisa foi conduzida de maneira independentes por quatro mediadores, que realizaram consultas nas bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e da *Scopus*, no mês de agosto de 2023.

O início da pesquisa envolveu a formulação da pergunta da pesquisa, que se concentrou na análise dos fatores interligados à agricultura familiar em comunidades remanescentes quilombolas no território brasileiro: a) como a pesquisa abordou a análise

dos fatores interligados à agricultura familiar?; b) em que medida os fatores relacionados à agricultura familiar foram examinados nas comunidades remanescentes quilombolas?; c) como esses fatores se manifestam no contexto específico das comunidades quilombolas no território brasileiro?. Além disso, investigamos como os conhecimentos tradicionais e a agricultura familiar desempenham um papel determinante nas comunidades quilombolas, analisando sua relevância nas discussões sobre as estratégias de fortalecimento e promoção dessas práticas agrícolas no contexto quilombola.

A equipe de pesquisa decidiu adotar estratégias específicas ao buscar informações na CAPES, utilizando os termos "Agricultura AND Quilombo(la)". Da mesma forma, na SciELO, a opção foi por "Agricultura familiar AND Quilombo(la)", enquanto na Scopus a estratégia adotada foi "Agricultura AND Quilombo". Neste procedimento, estabelecemos como critério o período de pesquisa, abrangendo publicações que datam de 2012 até 2022.

A seleção inicial resultou em um total de 27 artigos, sendo 13 deles provenientes da plataforma CAPES, 2 da SciELO e 12 da Scopus, como assegura na Figura 1. Vale ressaltar que, durante a triagem nas bases SciELO e Scopus, identificou-se um estudo duplicado, enquanto na base da CAPES não foi encontrado qualquer duplicação. Ao comparar as bases entre si, identificamos um total de 2 artigos duplicados.

Os resumos das pesquisas analisadas foram submetidos a uma avaliação, seguindo critérios específicos de inclusão. A busca focou em temas relacionados à interseção entre agricultura e comunidades quilombolas, considerando a relevância das práticas agrícolas, desafios e iniciativas de desenvolvimento. A delimitação temporal restringiu-se ao período de 2012 a 2022, assegurando atualidade. A inclusão abrangeu artigos em português ou inglês, provenientes de revistas científicas revisadas por pares.

Priorizamos metodologias robustas e estudos contextualizados em regiões relacionadas a comunidades quilombolas. Além disso, a disponibilidade do texto

completo foi um critério fundamental para garantir a acessibilidade e análise integral dos artigos pela equipe de pesquisa. No decorrer do processo, identificamos que um total de 18 artigos não atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos. Essa exclusão se deu em consonância, inicialmente, com a tipologia de artigos, classificando-os para assegurar uma análise precisa e consistente.

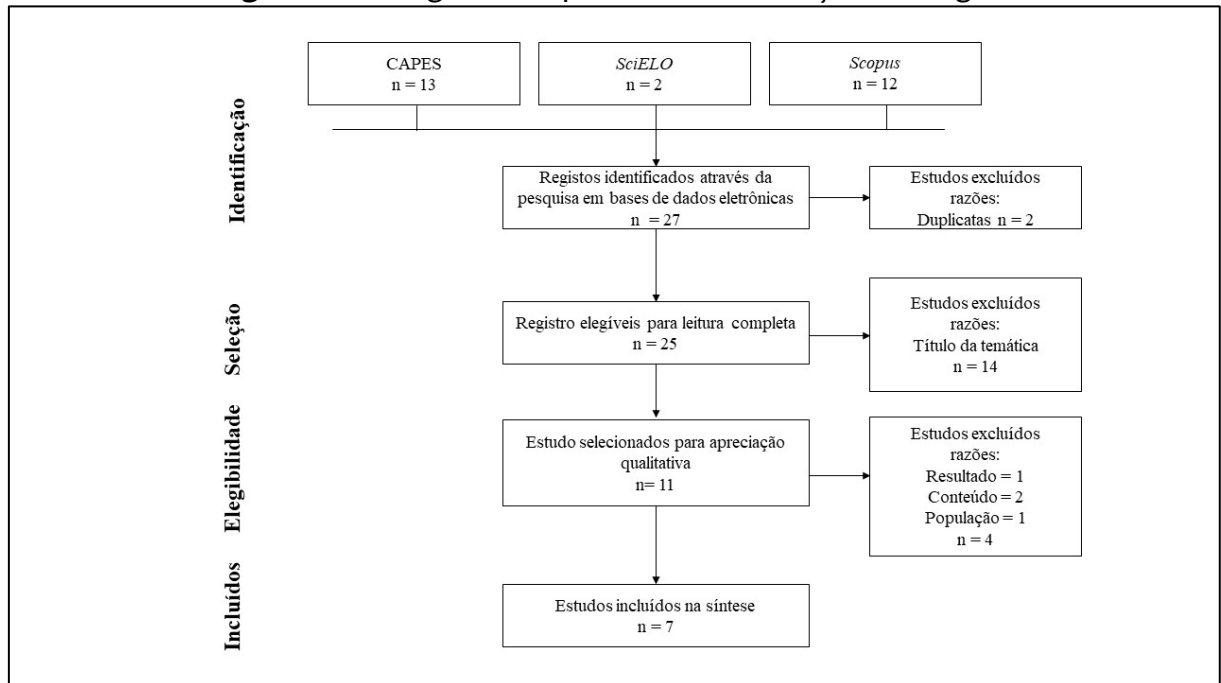
Em seguida, identificamos as populações não pertinentes, refinando o escopo da pesquisa ao excluir grupos que não contribuem diretamente para os objetivos propostos. Outra etapa concentrou-se na identificação de temáticas divergentes, buscando garantir a homogeneidade e a coesão dos elementos analisados. Este processo visou eliminar discrepâncias que poderiam comprometer a consistência dos resultados. Por último, dedicamo-nos à verificação dos resultados, assegurando que estivessem alinhados de maneira congruente com o escopo original da pesquisa. Esta fase foi essencial para garantir a validade e relevância dos achados, contribuindo para a robustez e confiabilidade do estudo.

99

Dessa maneira, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão definidos, conseguimos identificar sete artigos que se destacaram como relevantes para a nossa investigação.

Os pesquisadores conduziram uma análise independente dos artigos relevantes, avaliando sua adequação para inclusão na revisão. Durante essa etapa, os pesquisadores procuraram identificar padrões que facilitassem a organização dos estudos.

Figura 1 – Fluxograma do processo de obtenção de artigos



Fonte: Elaboração dos autores (2023).

100

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quadro 1, podemos observar que três dos artigos foram publicados em 2022, assim como revela uma distribuição irregular ao longo do tempo das publicações sobre a temática em questão. Nos últimos dez anos, observa-se um cenário com notável ausência de trabalhos em 2012, 2013, 2016, 2017, 2020 e 2021.

Essa lacuna, especialmente nos anos de 2020 e 2021, coincide com o período da pandemia, o que se atribuir à dificuldade enfrentada na realização de pesquisas presenciais em comunidades quilombolas. Além disso, as revistas científicas demonstraram uma tendência a priorizar publicações relacionadas à Covid-19, durante esse intervalo temporal, o que pode ter influenciado a escassez de trabalhos sobre outras temáticas. A análise mais detalhada do período de 2012 a 2019 revela uma média de apenas 0,5 publicações por ano, indicando uma distribuição relativamente estável, sem

sinais significativos de aumento ou diminuição. No entanto, a escassez de trabalhos nesse intervalo ressalta a necessidade de uma investigação mais aprofundada para compreender as razões por trás dessa limitada produção científica. Houve predominância de estudos realizados na região Nordeste (n=2); no Norte (n=2); e apenas um foi realizado no Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

De acordo com os números fornecidos pelo IBGE, no censo de 2022, é possível observar que a região com a maior concentração de quilombolas é o Nordeste, com um total de 905.415 quilombolas, o que corresponde a 68,2% da população quilombola do país (IBGE, 2022). Em seguida, vem o Sudeste, com 182.305 pessoas, e o Norte, com 166.069 pessoas, representando ambas as regiões 26,24% da população quilombola. As regiões Centro-Oeste e Sul, por outro lado, abrigam uma parcela menor, com 5,57% da população quilombola, sendo 44.957 pessoas no Centro-Oeste e 29.056 pessoas no Sul (Campos, 2023).

Quadro 1 – Artigos selecionados com base na ordem dos artigos, título, autores, comunidade quilombola, objetivo, métodos, resultados e conclusões

ID	Título	Autores	Comunidade	Objetivo	Métodos	Resultados	Conclusão
A1	Agricultura familiar, Economia Popular e Solidária e comercialização: “boas expectativas” como resultado de estudo na comunidade Quilombola de Lagoa Grande, Feira de Santana-Bahia.	Silva <i>et al.</i> (2019).	Comunidade Quilombola de Lagoa Grande (Santana- Bahia).	Identificar agricultores familiares da comunidade Quilombola de Lagoa Grande, através do mapeamento dos produtores rurais da comunidade fornecedora de insumos para a produção de alimentos dentro da cantina solidária III.	Pesquisa-ação Instrumento: Entrevista Semiestruturada.	Como resultado da pesquisa, foram observados quintais produtivos que abrigam uma diversidade de cultivos e criações.	A conexão entre agricultura familiar e economia popular/solidária, estudada na Incubadora da UEFS, facilita a comercialização e supera desafios, destacando-se como promissora para emprego e renda na comunidade quilombola de Lagoa Grande.

A2	Interfaces entre o PNAE, capital social e o fortalecimento da agricultura familiar no quilombo do Pacoval (Alenquer-Pará).	Sousa <i>et al.</i> (2022).	Comunidade Remanescente de Quilombola do Pacoval (Alenquer-Pará).	Analisar a operacionalização do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) na comunidade remanescente de quilombo do Pacoval (Alenquer/Pará).	Quanti-qualitativa Instrumento: Entrevista Semiestruturada.	Os resultados da pesquisa apontam disfunções na implementação do programa, incluindo a falta de capacitação dos gestores públicos, desconhecimento dos agricultores sobre procedimentos burocráticos, ausência de suporte técnico e gestão, inadequação do cardápio para a comunidade quilombola e baixa adesão dos agricultores familiares a grupos coletivos.	A pesquisa destaca que a implementação bem-sucedida do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no quilombo do Pacoval foi viabilizada pela estratégia interorganizacional e pelo fortalecimento do capital social, resultando em melhorias significativas na qualidade de vida de alunos e de agricultores familiares quilombolas.
A3	A família, suas mudanças e a manutenção dos saberes	Fidelis; Bergamasco	Quilombo João Surá	Apresentar algumas reflexões	Qualitativa	Os resultados indicam que as	Ao reconhecerem sua identidade

	tradicionais na agricultura familiar em quilombos do Vale do Ribeira Paranaense	(2015)	(Adrianópolis-Paraná)	sobre as famílias observadas em um remanescente de quilombo de Adrianópolis, município do Vale do Ribeira paranaense, no tocante à sua composição numérica e de gênero, tempo de residência no quilombo e composição etária.	Instrumento: Entrevista Semiestruturada e Observação	famílias no quilombo resistem às influências contemporâneas, mas não vivem em isolamento, enfrentando novas demandas sociais. Mantêm uma abordagem camponesa em sua forma de vida, integrando-se ao contexto moderno e adaptando tradições ancestrais sem perder a identidade da comunidade.	camponesa como quilombolas, essas famílias fortalecem a consciência coletiva, ligada à história de seus antepassados escravos fugitivos ou negros libertos. Apesar disso, em parceria com outros quilombolas, conseguem cultivar parte significativa de sua própria comida, incluindo feijão, hortaliças e árvores frutíferas, além de manter uma pequena criação de galinhas.
A4	Da Amazônia ao Vale do Ribeira: o impacto socioambiental da cultura da	Santos (2022).	Comunidade Sapatu (Vale do Ribeiro-São	Investigar o impacto socioambiental da	Quantitativa Instrumento:	Entrevistas na comunidade Sapatu	Na comunidade quilombola, a terra é vista como um

	banana na Comunidade Sapatu.		Paulo).	produção de banana orgânica na comunidade.	Questionário.	destacaram a importância econômica do comércio de bananas, revelando a dependência financeira das famílias dessa atividade. Outras culturas são destinadas principalmente ao consumo próprio, sendo a banana considerada a atividade econômica dominante, conforme relatado pelos moradores.	patrimônio histórico étnico-racial, sagrado e essencial para a vida coletiva. A atividade agrícola atende principalmente às necessidades básicas, com pouco excedente para o comércio.
A5	Perspectivas de segurança alimentar e nutricional no Quilombo de Tijuacu, Brasil: a produção da agricultura familiar para a alimentação escolar.	Carvalho; Silva (2014)	Comunidade Remanescente de Quilombo Tijuacu (Senhor do Bonfim-Bahia)	Analisar as percepções simbólicas e sociais dos quilombolas, na oferta de	Qualitativa Instrumento: Observação participante e diário de campo.	Os resultados indicam que a comunidade valoriza e prioriza os alimentos naturais como	Apesar dos desafios, o Programa Nacional de Alimentação Escolar gera renda para agricultores

				alimentos agrícolas, no Programa Nacional de Alimentação Escolar, voltado para promoção de segurança alimentar e nutricional.		essenciais para sua subsistência e para o desenvolvimento local.	familiares e proporciona uma alimentação saudável aos estudantes.
A6	Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia meridional, Brasil	Arruda <i>et al.</i> (2018)	Comunidades Quilombolas Retiro, Boqueirão, Casalvasco e Manga (Vila Bela da Santíssima Trindade-Mato Grosso)	Estudar o conhecimento ecológico tradicional (CET) relacionado à pesca feita por grupo étnico autoidentificado como quilombola, por meio da análise de fatores que influenciam o consenso cultural e as técnicas da pesca artesanal.	Quantitativa Instrumento: Questionário e observação	Nas comunidades quilombolas, a pesca é realizada de forma artesanal com equipamentos tradicionais eficazes, especialmente em pescarias de curta duração, de uma a duas horas, para capturar peixes como traíras e piranhas.	O contato diário com peixes e o rio, desde a infância, facilita a transmissão do Conhecimento Etnoecológico Tradicional (CET). Essa tradição é crucial para a identidade da comunidade e merece reconhecimento na gestão de áreas protegidas.

A7	A meteorologia popular e seu uso em atividades produtivas na comunidade quilombola Mocambo, em Ourém, Pará, Brasil	Andrade <i>et al.</i> (2022)	Comunidade Quilombola Mocambo (Ourém-Pará)	Investigar práticas e/ou conhecimentos populares ou tradicionais utilizados (ou não), em predição ou diagnóstico do tempo e clima, por pescadores/as e agricultores/as do quilombo Mocambo, em Ourém, Pará, e suas percepções com relação às mudanças (ou variabilidades) climáticas.	Qualitativa Instrumento: Entrevista Aberta, diário de campo e observação participante	Na comunidade estudada, os conhecimentos abrangem meteorologia, agricultura de subsistência (principalmente de mandioca), plantas medicinais, pesca artesanal no rio Guamá e participação no Programa de Aquisição de Alimentos, incluindo o consumo de tracajá.	Na comunidade de Mocambo, o conhecimento natural e climático transmitido pela tradição oral e observação da natureza destaca a importância da ancestralidade na análise e prognóstico.
-----------	--	------------------------------	--	---	--	--	--

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Quanto aos objetivos dos estudos mencionados, três artigos tinham como foco a pesquisa sobre o fortalecimento da agricultura familiar em comunidades quilombolas (Silva *et al.*, 2019; Sousa *et al.*, 2022; Santos, 2021). Outros três artigos tinham como propósito analisar a promoção da segurança alimentar e nutricional em comunidades quilombolas (Carvalho; Silva, 2014; Arruda *et al.*, 2018; Andrade *et al.*, 2022). Além disso, um estudo avaliou os aspectos sociais e demográficos em comunidades quilombolas (Fidelis; Bergamasco, 2015). É importante destacar que todas essas investigações foram realizadas em diferentes comunidades, o que amplia a diversidade das amostras estudadas.

No que diz respeito à metodologia empregada dos estudos, é possível verificar uma predominância da abordagem qualitativa. Dos sete estudos analisados, quatro optaram por uma abordagem metodológica qualitativa (Silva *et al.*, 2019; Fidelis; Bergamasco, 2015; Carvalho; Silva, 2014; Andrade *et al.*, 2022), evidenciando um interesse significativo na compreensão aprofundada e contextualizada do fenômeno em estudo. Esse método enfatiza a conexão entre a realidade objetiva e a subjetividade do sujeito, aspectos que não podem ser reduzidos a valores numéricos (Silva; Menezes, 2005). Por outro lado, dois estudos seguiram uma abordagem quantitativa (Santos, 2022; Andrade *et al.*, 2022), indicando uma abordagem mais voltada para a mensuração e para a análise estatística dos dados. Além disso, um estudo adotou um delineamento misto quali-quant, sugerindo uma combinação de abordagens para uma compreensão abrangente do tema. As investigações qualitativas empregaram uma variedade de métodos de coleta de informações, incluindo entrevistas semiestruturadas e abertas, diários de campo e observação participante (Silva *et al.*, 2019; Fidelis; Bergamasco, 2015; Carvalho; Silva, 2014). Por outro lado, as pesquisas quantitativas se valeram da aplicação de questionários e observação. Essa distribuição diversificada de abordagens metodológicas destaca a

riqueza e a complexidade da pesquisa, uma vez que diferentes perspectivas e métodos são utilizados para investigar a temática em questão.

Acerca das regiões das comunidades estudadas, é possível observar trabalhos realizados em diferentes partes do Brasil. Dois desses artigos foram encontrados nas comunidades da região Nordeste (Silva *et al.*, 2019; Carvalho; Silva, 2014), com a mesma quantidade de publicações na região Norte (Sousa *et al.*, 2022; Andrade *et al.*, 2022). Enquanto isso, apenas um artigo foi localizado nas regiões Sul (Fidelis; Bergamasco, 2015), Centro-Oeste (Arruda *et al.*, 2018) e Sudeste (Santos, 2021). Apesar da pequena quantidade de artigos e do predomínio do norte e nordeste, pode-se dizer que todo o Brasil está representado, havendo trabalhos das cinco regiões do país.

Em relação à caracterização dos sujeitos, à distribuição por sexo dos participantes dos estudos, é possível observar uma predominância masculina em três artigos: 60% (n=17) (Santos, 2021); 77% (n=24) (Arruda *et al.*, 2018); e 65% (n=13) (Andrade *et al.*, 2022). Contrariamente, apenas nos trabalhos de Silva *et al.* (2019), a representação do sexo feminino foi avaliada superior, com 94% (n=73), e em Fidelis e Bergamasco (2015), onde alcançou 72% (n=13). Em relação à precisão das informações fornecidas, dois dos artigos revisados não apresentaram dados claros em relação à distribuição percentual e numérica por sexo.

A faixa etária dos participantes em todos os estudos varia entre 13 e 80 anos. Três dos artigos não fornecem informações sobre a idade dos sujeitos da pesquisa (Carvalho; Silva, 2014; Sousa *et al.*, 2022; Arruda *et al.*, 2018). Essa omissão foi justificada no estudo de Carvalho e Silva (2014) devido ao caráter observacional participante da pesquisa, que não envolveu a coleta de dados por meio de entrevistas ou questionários. No estudo de Sousa *et al.* (2022), a falta de detalhes sobre a faixa etária foi atribuída ao uso de um questionário específico, direcionado aos objetivos da pesquisa, combinado com uma

observação. Já no caso de Arruda *et al.* (2018), a omissão da faixa etária foi justificada com base no objeto de estudo.

No que diz respeito ao dado sobre a cor da pele entrevistados, apenas um estudo foi identificado (Fidelis; Bergamasco, 2015). Neste estudo, 83% dos participantes (n=20) autodeclararam-se como tendo a pele preta, enquanto 17% (n=4) identificaram-se como tendo a pele branca. Essa diferenciação pode estar relacionada às influências geracionais na cultura étnica das famílias dos participantes. A pesquisa de Silva *et al.* (2019) não aborda a investigação da cor dos participantes, uma vez que seu foco está direcionado para o processo de produção agrícola na comunidade quilombola de forma familiar. Sousa *et al.* (2022) concentraram-se na análise da implementação do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) dentro da comunidade, não explorando a característica individual dos sujeitos em si. Santos (2022), ao realizar sua pesquisa com agricultores, não dedicou atenção à cor dos participantes como elemento central da investigação.

110

Na pesquisa de Carvalho e Silva (2014), não foram obtidos dados relacionados à cor dos sujeitos. Arruda *et al.* (2018) direcionaram seu estudo para o conhecimento ecológico tradicional associado à pesca, especificamente realizada por grupos étnicos autoidentificados como quilombolas. Já Andrade *et al.* (2022), mesmo conduzindo pesquisas em comunidades quilombolas, não abordaram a investigação da cor dos participantes em seus estudos, ressaltando uma lacuna comum na abordagem da cor da pele nos trabalhos mencionados.

Dentro do âmbito da discussão sobre a produção agroalimentar e a diversidade de produtos agrícolas cultivados nas comunidades quilombolas no Brasil, é notável o empenho dos estudos em explorar o potencial da agricultura familiar quilombola e suas interconexões produtivas, conforme evidenciado nesses sete artigos.

Silva *et al.* (2019), ao se aproximar da comunidade quilombola de Lagoa Grande, no estado da Bahia, identificaram uma diversidade de atividades agropecuárias no território

quilombola, que vão desde a criação de pequenos animais até o cultivo agrícola tradicional. A produção pecuária está focada na criação de animais de pequeno porte, como galinhas, suínos, ovinos e caprinos, sendo principalmente destinada ao consumo local e à venda dentro da própria comunidade.

Quanto às culturas agrícolas tradicionais, destacam-se a mandioca (aipim), o milho, o feijão carioca, o feijão de corda, o andu, a batata-doce, a abóbora, o jiló, o maxixe e diversas hortaliças, como coentro, cebolinha, couve e amendoim, que são cultivadas sazonalmente, aproveitando a época das chuvas. No que diz respeito ao cultivo de culturas perenes, observou-se a presença de árvores frutíferas em quase todos os quintais da comunidade, mesmo entre aqueles que não se dedicam ativamente à agricultura. As frutas mais comuns incluem caju, coco, laranja, manga, acerola, banana, seriguela, limão, pinha, cajá, jaca, goiaba, graviola e tamarindo. A maioria dos quintais compartilha características comuns às espécies agrícolas. Cada morador, de maneira única, desenvolve o manejo de seu quintal, revelando as distinções entre eles com arranjos únicos (Silva et al., 2019, p. 10). Por tudo isso, para Fidelis (2006, p. 37), “a agricultura quilombola é tipificada como uma agricultura tradicional, pois é fruto da associação de técnicas e manejos da agricultura africana trazida pelos escravos”.

111

A análise realizada por Sousa et al. (2022), na comunidade de Pacoval, localizada no município de Alenquer, no estado do Pará, revelou que a economia do local é fundada em tradições transmitidas ao longo de gerações. A predominância de mão de obra familiar estabelece uma relação de simbiose com a natureza, com a prática cultural trançada à agricultura de subsistência e à comercialização. As atividades da comunidade concentram-se na produção de farinha de mandioca, banana, bem como na coleta de sementes, como castanha-do-pará e cumaru, “ressaltando que a maior parte de sua produção é destinada para o consumo familiar, sendo pequenas as práticas de comercialização dos alimentos” (Sousa et al., 2022, p. 925). Nesse sentido, como afirma

Carvalho e Silva (2014, p. 526), “a agricultura sempre foi uma atividade desenvolvida pelos negros desde o período colonial, época da escravidão, e representava o seu modo de sustentabilidade”.

Santos (2022) apresentou uma análise da comunidade Sapatu, situada nas proximidades do Vale do Ribeira, no litoral sul do estado de São Paulo, onde a pesquisa do autor lança luz sobre a dinâmica econômica dessa comunidade, especialmente no que diz respeito à produção e comercialização de seu principal produto: a banana. Além disso, buscou-se quantificar o grau de importância que os residentes atribuem a essa atividade em suas vidas. “A organização do trabalho na comunidade Sapatu é familiar com a divisão das tarefas. Os homens se dedicam às atividades que exigem esforço físico, como o trabalho com a terra, corte, colheita e comercialização, e as mulheres cuidam da horta, animais e artesanato” (Santos, 2022, p. 8). Os resultados da pesquisa revelaram que as famílias da comunidade Sapatu dependem consideravelmente da colheita de bananas como fonte de renda. Enquanto outras culturas, como arroz, feijão, milho, inhame, palmito pupunha e mandioca, são cultivadas principalmente para subsistência, a cultura da banana surge como a principal atividade econômica da comunidade, de acordo com as percepções dos próprios moradores.

112

Durante o período de estudo, Carvalho e Silva (2014) realizaram uma análise etnográfica na comunidade quilombola Tijuaçu, localizada no estado da Bahia. O foco da pesquisa foi a segurança alimentar e nutricional. Os resultados da análise indicaram a prevalência de insegurança alimentar na referida comunidade. Os autores enfatizam que a comunidade reconhece sua capacidade de subsistir a partir da produção local da roça. No entanto, também destacam a necessidade de superar as limitações que enfrentam. “A regularização das terras é apontada, pelos quilombolas, como o maior impasse para a produção agrícola, visto que é ela que propicia as condições de permanência, de referências simbólicas importantes” (Carvalho; Silva, 2014, p. 527). Segundo Carvalho e

Silva (2014), essa situação contribui de forma negativa para os quilombolas, ao gerar desconfiança do agricultor em relação à terra, e esse sentimento se estende a toda a família, principalmente aos jovens, que representam a esperança de manter viva a herança das tradições/conhecimentos populares agrícolas.

Fideles e Bergamasco (2015) destacaram em sua pesquisa na comunidade quilombola João Surá, no estado do Paraná, que nesse quilombo ocorre uma influência de saberes tradicionais relacionados à agricultura. Isso se dá a partir da interação entre as famílias dessa comunidade e aquelas de diferentes origens ancestrais, evidenciando a importância da família como instituição na agricultura familiar. A observação dos autores revela que as relações entre as famílias em relação ao seu futuro e à permanência nos territórios onde habitam e sustentam suas condições de vida são encaradas com um profundo senso de dever. Fideles e Bergamasco (2015, p. 69) esclarecem que “também é nas famílias que ocorre a transmissão dos saberes tradicionais ligados à agricultura que são passados pelos mais velhos aos mais novos”. Isso ocorre porque as famílias compreendem que a sua permanência no quilombo é o resultado de várias gerações de esforços e é vista como uma tradição que se estenderá por muitas gerações futuras.

113

No que diz respeito ao conhecimento ecológico tradicional no quilombo, o estudo de Arruda *et al.* (2018) observou que a pesca não possui impactos diretos na fonte de renda, na comunidade quilombola Alto Guaporé. No entanto, essa atividade pesqueira desempenha um papel de garantia de proteínas de origem animal e é decisiva para a subsistência das famílias quilombolas dessa comunidade. Os quilombolas detêm um profundo conhecimento ancestral sobre os métodos empregados na pesca tradicional em suas comunidades. Eles possuem uma compreensão dos diferentes ambientes aquáticos e das diversas espécies encontradas neles na região. A alimentação e a nutrição desempenham um papel importante na preservação e promoção da saúde dos

quilombolas do Alto Guaporé, uma vez que contribuem significativamente para a melhoria da qualidade de vida dos consumidores.

Andrade *et al.* (2022) afirmam que na comunidade Mocambo, em Ourém, no estado do Pará, os agricultores quilombolas integram narrativas sobre seu conhecimento tradicional acerca das condições climáticas e seu impacto nas atividades produtivas. Os pesquisadores investigaram a utilização de práticas e conhecimentos populares e tradicionais dos quilombolas relacionados à previsão atmosféricas, em curto e em médio prazo. Muitos dos quilombolas, embora não afirmassem possuir conhecimentos naturais ou climáticos, revelaram que seus antepassados possuíam tal conhecimento. De acordo com eles, esses saberes foram transmitidos por meio da tradição oral e da observação da natureza. Esses achados sugerem que a herança-identitária-cultural desempenha uma função importante na aplicação de análises meteorológicos populares, advinda do conhecimento popular dos quilombolas da comunidade Mocambo.

114

Dessa maneira, com base nas análises dos artigos sobre a produção agroalimentar nas comunidades quilombolas no Brasil, é possível identificar alguns padrões e distinções significativas. A diversidade de atividades agropecuárias e culturas agrícolas tradicionais é uma característica comum em diversas comunidades, destacando a importância da agricultura familiar quilombola. A presença de culturas como mandioca, milho, feijão, além de diversas frutas, revela a variedade de alimentos cultivados, ressaltando a riqueza da produção local.

No entanto, as análises também revelam desafios e questões enfrentadas por essas comunidades. A insegurança alimentar em algumas comunidades, como Tijuaçu, na Bahia, destaca a importância da regularização das terras como um obstáculo para a produção agrícola. Esse aspecto não apenas impacta a subsistência, mas também gera desconfiança em relação à terra, afetando especialmente os jovens que representam a continuidade das tradições agrícolas.

A relação simbiótica com a natureza e a predominância da mão de obra familiar são elementos recorrentes, evidenciando a conexão cultural entre as práticas agrícolas e a sustentabilidade nas comunidades quilombolas. O papel das famílias é fundamental na transmissão de saberes tradicionais, seja na agricultura em si, como observado em João Surá, no Paraná, ou na previsão atmosférica, conforme relatado em Mocambo, no Pará.

A dependência econômica de determinados produtos agrícolas, como a banana em Sapatu, ressalta a importância de compreender as dinâmicas econômicas específicas de cada comunidade. Enquanto algumas culturas são destinadas principalmente à subsistência, outras representam fontes significativas de renda para as famílias quilombolas.

Em suma, os artigos analisados fornecem uma visão ampla da diversidade e complexidade das práticas agrícolas nas comunidades quilombolas no Brasil, destacando tanto os aspectos positivos, como a preservação de saberes tradicionais, quanto os desafios, como a insegurança alimentar e as questões relacionadas à terra.

115

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos estudos examinados nesta pesquisa evidenciaram investigações sobre as atividades agrícolas como sendo pilares fundamentais para a subsistência dessas comunidades, que são transmitidas de geração em geração. Dada a sua magnitude, estas práticas desempenham um papel importante na preservação da identidade desses povos tradicionais.

Os resultados apresentados corroboram a importância da agricultura familiar quilombola, destacando a variedade de atividades agropecuárias, a transmissão de saberes tradicionais nas famílias e a simbiose com a natureza. No entanto, é importante ressaltar a escassez de estudos sobre essas comunidades, evidenciando a necessidade premente de novas pesquisas de campo para preencher essa lacuna na literatura.

A falta de investigações mais aprofundadas sobre as práticas agrícolas quilombolas revela um campo de conhecimento ainda pouco explorado, com potencial para fornecer uma compreensão mais abrangente das dinâmicas, desafios e oportunidades enfrentados por essas comunidades. A insegurança alimentar, a regularização das terras e a dependência econômica de determinados produtos agrícolas emergem como áreas críticas que merecem atenção em futuras pesquisas.

Consequentemente, tais estudos têm o potencial de enriquecer nossa compreensão, não apenas da situação socioeconômica e socioambiental, mas também da riqueza sociocultural de comunidades específicas em determinadas regiões. Dessa forma, essas pesquisas têm o potencial de ampliar o discurso acadêmico e enriquecer o corpo de conhecimento existente.

Ao concluir, este estudo não apenas contribui para a compreensão atual da agricultura familiar nas comunidades quilombolas, mas também destaca a necessidade urgente de ampliação do escopo das pesquisas nesse campo. A escassez de trabalhos existentes ressalta a importância de novas investigações para informar políticas e práticas mais eficazes, promovendo o desenvolvimento sustentável e preservando as tradições culturais dessas comunidades. Este trabalho serve como um ponto de partida, instigando a comunidade acadêmica a dedicar mais atenção a um tema tão relevante para a identidade e para o sustento das comunidades quilombolas no Brasil.

116

REFERÊNCIAS

ARRUDA, J. C. de; SILVA, C. J. da; SANDER, N. L.; PULIDO, M. T. Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia meridional, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 13, n. 2, p. 315–329, maio 2018.

ANDRADE, L. da S.; SILVA, J. S.; GOMES, C. V. A.; SOUZA, A. M. A Meteorologia popular e seu uso em atividades produtivas na comunidade quilombola Mocambo, em Ourém, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 17, n. 2, p. e20210015, 2022.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Informações Quilombolas**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jXTAb>. Acesso em 11 set. de 2023.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS – CONAQ. Diagnóstico das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar quilombola. In: EQUIPE DE CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA (Org.). Brasília: ECAM, 2021.

COOPER, H. Scientific guidelines for conducting integrative research review. **Review of Educational Research**, v. 52, n. 2, p. 291-302, 1982. DOI: 10.3102/00346543052002291.

COOPER, H. **Research synthesis and meta-analysis: A Step-by-step approach**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2010.

CAMPOS, A. C. **Censo 2022**: Brasil tem 1,32 milhão de quilombolas - região que concentra maior número é o Nordeste. Agência Brasil (Economia). Brasília. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/W27cd>. Acesso em 15 set. de 2023.

CARVALHO, A. S.; SILVA, D. O. Perspectivas de segurança alimentar e nutricional no Quilombo de Tijuaçu, Brasil: a produção da agricultura familiar para a alimentação escolar. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, n. 50, p. 521-532, jul. 2014.

FIDELIS, L. de, M.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Quilombos e Agroecologia: a agricultura tradicional como estratégia de resistência da Comunidade Quilombola João Surá. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, n. 18, p. 112-141, nov. 2013.

FIDELIS, L. de, M.; BERGAMASCO, S. M. P. P. A Família, suas mudanças e a manutenção dos saberes tradicionais na agricultura familiar em quilombos do Vale do Ribeira Paranaense. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 59-72, jul./dez. 2015.

FIDELIS, L. de M. **Agricultura quilombola e suas interfaces com a agroecologia**: história e tradições ligadas à agricultura tradicional do quilombo João Surá. 61 f. Monografia

(Especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar e Camponesa) - UFP Curitiba, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2022:** quilombolas: primeiros resultados do universo, Rio de Janeiro, IBGE, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/zErH8>. Acesso em: 11 set. 2024.

SILVA, G. dos S.; LOPES, A. C.; BASTOS, B. S.; TELES, A. O.; LIMA, J. R. O. Agricultura familiar, economia popular e solidária e comercialização: “boas expectativas” como resultado de estudo na Comunidade Quilombola de Lagoa Grande, Feira de Santana-BA. **Revista Extensão & Cidadania**, v. 6, n. 11, p. 13, 2019. DOI: 10.22481/recuesb.v6i11.5872.

SANTOS, D. T. G. dos; KEITEL, Â. S. P.; ROCHA, M. L. V. Os territórios quilombolas como espaço de construção e preservação da identidade: um estudo na comunidade quilombola de Júlio Borges - RS. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, v. 9, p. 1-31, 2022. DOI: 10.19092/reed.v9.725.

SANTOS, M. E. dos. Da Amazônia ao Vale do Ribeira: o impacto socioambiental da cultura da banana na Comunidade Sapatu. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável GUAJU**, Matinhos, v. 8, 2022.

118

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atualizada. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUSA, V. L. B. de; RIBEIRO, E. da S.; SOUZA, E. da S.; AZERÊDO, R. F. Interfaces entre o PNAE, capital social e o fortalecimento da agricultura familiar no quilombo do Pacoval/Alenquer-Pará. **NAU Social**, v. 13, n. 24, p. 923–936, 2022. DOI: 10.9771/ns.v13i24.38838.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 8, n. 2, p. 87-145, out. 2000.